

DELICADO PRELO

8

REVISTA DA IMPRENSA NACIONAL / CASA DA MOEDA

1985 | JULHO | SETEMBRO



ALVAREZ

N.º 8 - Julho/Setembro 1985

Revista Trimestral

Propriedade

Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Director

Diogo Pires Aurélio

Direcção,

Redacção e Administração

R. D. Francisco Manuel de Melo, 5-5.º

1000 LISBOA

Distribuição

Diglivro - Distribuidora de Livros

e Material Didáctico, Lda.

Rua das Chagas, 2 - 1200 LISBOA

Design

Grafidéc Agência de Publicidade

Fabrico

Nova Lisboa Gráfica, Lda.

Preço

Número avulso — 450\$00

Assinatura (4 números) - 1.500\$00

*Este preço não se aplica
aos números especiais*

Tiragem

3000 exemplares

*Na capa: Paisagem e
figuras de um sonho,
quadro de Alvarez, Col. da
Fundação Gulbenkian*

- 3** Editorial: A indecisão da matéria
- 9** Um homem sem biografia
*entrevista com João Meneres Campos,
por Isabel Oliveira e Silva e
Bernardo Pinto de Almeida*
- 19** Alvarez e o seu tempo

PERSPECTIVAS

- 23** O Bispo
poema de Miguel Torga
- 24** Diagrama de Alvarez
depoimento de Fernando Lanhas
- 27** Dominguez Alvarez, ingénuo e não
por José-Augusto França
- 29** Uma alma larga
por Rui Feijó
- 31** Quanto vale um quadro
por Jaime Isidro

ENSAIOS

- 35** Com Dominguez Alvarez
por Mário Cláudio
- 39** Paisagens e outras memórias
por Margarida Acciaiuoli
- 43** A pintura dos fantasmas modernistas
por Isabel de Oliveira e Silva



Uma alma larga

por Rui Feijó *

Conheci Dominguez Alvarez em 1939 no grupo que, no Porto, lançara a revista Sol Nascente onde o neo-realismo dava senão os primeiros, alguns dos primeiros passos. Creio que foi Afonso de Castro Senda que mo apresentou mas o grupo com o qual mais frequentemente me encontrava contava também Manuel Azevedo, Carlos Barroso e, à mesma mesa de café, vinha às vezes sentar-se Abel Salazar. Era o tempo de altos sonhos e de muita ingenuidade.

De uns e outra Alvarez compartilhava.

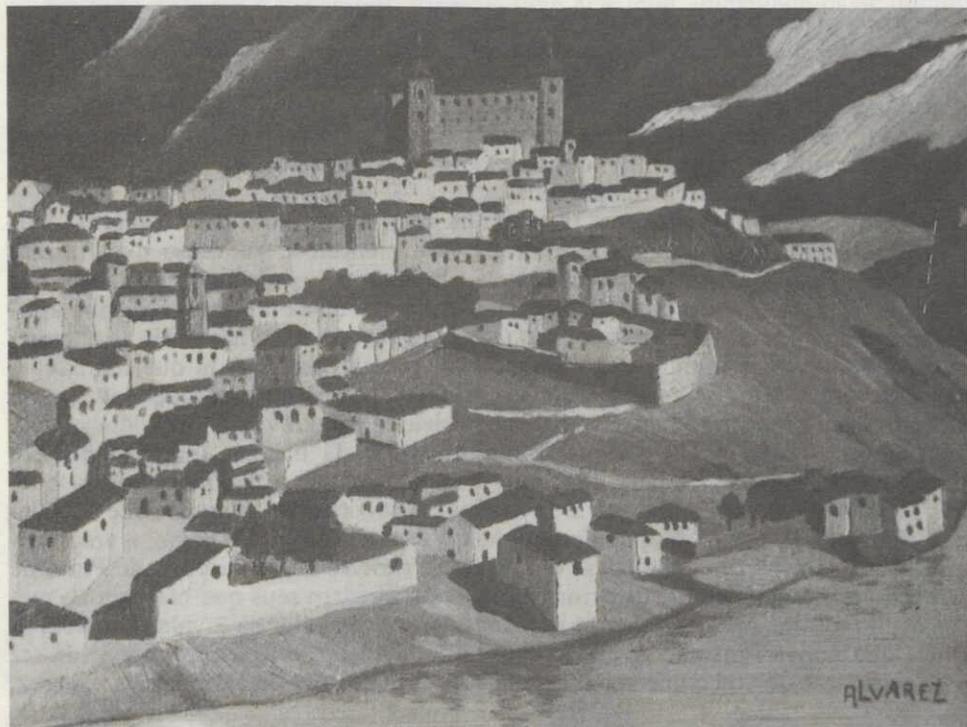
Não fui dos privilegiados que tiveram um convívio assíduo com o pintor. Mas tive o suficiente para admirar o bom gigante, modesto e talentoso que foi este pintor das desoladas paisagens de Castela, das sombrias catedrais da Galiza, das trágicas máscaras do seu povo de origem. Talvez que a sua pintura não tenha atingido aquele «metier» depurado ou tenha aurido tudo quanto a arte do seu tempo ia fazendo por esse mundo. Não esqueçamos porém que os anos que lhe couberam não eram do fácil contacto em viagens, em publicações de qualidade como vieram a ser depois da Guerra cujo fecho Alvarez já não viu.

Conta-se — não posso garantir a autenticidade da história, mas julgo-a tão significativa da personalidade do pintor que não resisto a deixá-la aqui — que, nas muitas dificuldades que Alvarez sofreu, se socorria da generosidade de Manuel Pinto de Azevedo. E quando entendia que era a altura de pagar o empréstimo, como não tivesse dinheiro, se dirigia ao «Primeiro de Janeiro» onde Pinto de Azevedo tinha gabinete de director, sobraçando quadros seus que oferecia ao mecenas dizendo-lhe para escolher os que considerasse no valor da dívida. Também se conta que nunca Pinto de Azevedo abusou da situação, o que não impede de ser a colecção que deixou a que supomos mais rica em pintura de Dominguez Alvarez.

* Escritor. Delegado da Sec. de Estado da Cultura no Norte.

Vi Alvarez pela última vez, a menos de dois anos da sua morte, na Missão Estética de Férias que nesse ano teve lugar em Viana do Castelo. Aí o apresentei a meu irmão Álvaro a quem Alvarez ofereceu um pequeno óleo com uma vista do rio que guardo entre as poucas coisas de pintura que profundamente prezo — um estudo de Jorge Pinheiro para o Bispo Azul, uma aguarela de Alberto Sousa, pouco mais.

Curiosamente no fim da vida, abandonava o que de mais característico teve a sua pintura, a paleta sombria ou as amplas superfícies despojadas e calcinadas, para voltar a uma espécie de realismo impressionista de minuciosa pincelada. Pelo menos pelo que conheço. Não creio que isso o tenha beneficiado; havia aqui uma certa concessão ao gosto do grande público, talvez a amargura de quem só junto de alguns se sentiu compreendido e mostrava, nas vésperas da morte, que era capaz como qualquer outro do «tal qual». Mas o que ficará de Alvarez é aquilo que o retrata, a sua inquietação, as coisas e os homens que eram afins da sua alma larga, boa, generosa e ingénua.



Segóvia, 1930 (?)